



A pedagogia da viagem: educação de guardas-marinha no “Diário de uma viagem ao Brasil” de Maria Graham (1821-1822)

La pedagogía del viaje: educación de guardiamarinas en el “Diario de un viaje a Brasil” de Maria Graham (1821-1822)

Daniel Barreto Lopes

Mestre em Preservação do Patrimônio Cultural pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), possui graduação em História pela Universidade Federal do Ceará (UFC), onde é membro, desde 2013, do Grupo de Estudos e Pesquisa em Patrimônio e Memória (GEPPM). Atualmente, é pesquisador do Departamento de História da Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha (DPHDM).
E-mail: danielbloopes18@gmail.com / barreto.daniel@marinha.mil.br

RESUMO

Este trabalho traz uma leitura do “Diário de uma Viagem ao Brasil”, da viajante e escritora britânica Maria Graham no ano de 1821. Maria Graham chega ao Brasil acompanhando seu marido, comandante naval do HMS Doris, que vem assegurar os tratados comerciais britânicos na América do Sul no contexto das Guerras da Independência. Na qualidade de professora de jovens guardas-marinha, analiso aqui como a viajante empreendeu, a partir de sua experiência como viajante, uma “pedagogia da viagem” junto aos seus alunos, revelando-nos uma pedagogia que utiliza a viagem como instrumento de conhecimento. Impulsionada pelas explorações territoriais na América do Sul, como parte da política colonial britânica, a viajante, cultivada pela estética naturalista e cientificista do início do século XIX, conduzirá e orientará seus jovens alunos a visitas e passeios pela sociedade colonial brasileira, registrando os hábitos dos moradores, a fauna, a flora e o regime de trabalho escravista.

PALAVRAS-CHAVE: História Marítima; Educação; Viagem.

RESÚMEN

Este trabajo presenta una lectura del “Diario de un viaje a Brasil”, de la escritora viajera británica Maria Graham, en el año de 1821. María Graham llega a Brasil acompañando a su marido, comandante naval del H.M.S Doris, quien viene a asegurar los derechos comerciales británicos en América del Sur en el contexto de las guerras de independencia. Como docente de jóvenes guardiamarinas, analizo aquí cómo la viajera emprendió, a partir de su experiencia como viajera, una “pedagogía del viaje” con sus alumnos, revelándonos una pedagogía que utiliza la viaje como instrumento de conocimiento. Impulsada por las exploraciones territoriales en América del Sur, como parte de la política colonial británica, la viajera, cultivada por la estética naturalista y científica de los principios del siglo XIX, conducirá y guiará a sus jóvenes alumnos en visitas y recorridos por la sociedad colonial brasileña, registrando las costumbres de los residentes, la fauna, la flora y el régimen de trabajo esclavo.

PALABRAS CLAVE: Historia Marítima; Educación; Viaje.

A VIAJANTE

Maria Dundas Graham (posteriormente, após segundas núpcias, Maria Dundas Callcot, ou Lady Callcot), foi uma escritora inglesa, nascida em 1785. Ao longo de sua vida, escreveu livros das mais diversas temáticas, grande parte inspirado em suas viagens, como história, história da arte, botânica, traduções e livros de pedagogia infantil.

Maria Graham produziu, sobretudo, um dos principais relatos sobre o cenário político e cotidiano do Brasil à época das Guerras da Independência nas colônias da América Portuguesa e Espanhola.

Os respectivos *Diário de viagem ao Brasil e de uma estada nesse país durante parte dos anos de 1821, 1822 e 1823* e *Diário de su residência em Chile (1822) y de su viaje al Brasil (1823): San Martín – Cochra-ne – O’Higgins*, publicados na Inglaterra em 1824, fazem parte da experiência de viagem de Maria Graham pela América do Sul. Esses são documentos de grande valor histórico e cultural, mostrando o olhar de uma legítima representante do Império Britânico sobre o território, sociedade e cultura dos povos sul-americanos em luta pela libertação do jugo colonial ibérico.

Maria Graham fez parte do universo letrado britânico, estabelecendo contato com ilustrados intelectuais, cientistas, naturalistas, pintores e escritores da época recebendo assim uma educação diferenciada das demais mulheres do período.

Sendo filha de um almirante da Marinha Real Britânica, Maria Graham experimentou desde cedo o sabor e os perigos das viagens marítimas a vela, acompanhando o pai em suas missões navais. Muitos dos livros publicados por Maria Graham referem-se a lugares que visitou, chegando a publicar, ainda antes de visitar o continente sul-americano, relatos sobre suas viagens à Índia e à Itália¹.

Durante uma das viagens marítimas com seu pai, conheceu aquele que viria a ser seu marido, o Capitão da Marinha Britânica Thomas Graham, que a levaria também em suas missões navais. Numa viagem a serviço pelo continente sul-americano, acompanhou o esposo a bordo da HMS *Doris*², na condição de professora de jovens aspirantes a oficiais da Marinha Britânica. O objetivo também da viagem marítima era monitorar a situação das colônias ibéricas (envolvidas em lutas pela emancipação política) e defender os interesses das comunidades britânicas ali residentes.

Os britânicos atuavam, desde meados do século XVIII e início do século XIX, como uma nação que exercia sua soberania pelos mares, regulando os conflitos entre as elites coloniais, defendendo o livre-comércio e a circulação de produtos manufaturados britânicos. Assim, a abertura dos portos latino-americanos aos produtos da Revolução Industrial Britânica era um fator estrategicamente a ser garantido pelo Império Britânico.

Os britânicos consolidaram sua hegemonia política no século XIX não apenas pela força de suas armas. Por meio de um intrincado jogo diplomático, “elaboraram uma nova forma de controlar o mundo, pautada não apenas na supremacia militar, mas na construção de laços políticos e econômicos e na coleta sistemática de dados e espécimes, analisados em busca de potencialidades a explorar” (PASSETI, 2014, p.912).

Assim, na condição de professora de guardas-marinha³, a viajante, cultivada pela estética naturalista e cientificista do início do século XIX, impulsionada pelas explorações territoriais na América do Sul, aos 36 anos de idade, atravessa o Oceano Atlântico, visitando o Brasil e o Chile entre os anos de 1821, 1822 e 1823.

O recorte temporal, espacial e das fontes do presente trabalho é delimitado

a partir da chegada de Maria Graham ao Brasil no ano de 1821. A partir de extratos do “Diário de viagem ao Brasil e de uma estada nesse país durante parte dos anos de 1821, 1822 e 1823⁴”, concentro-me em sua primeira estadia no Brasil e em suas estadias pelas províncias de Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro no ano de 1821.

Aqui, a viajante conduzirá e orientará seus jovens alunos pelas ruas e vielas da sociedade colonial brasileira, em excursões em meio às imponentes florestas tropicais atlânticas, registrando os hábitos dos moradores, a fauna, a flora e o regime de trabalho escravista, além de testemunharem a atmosfera política que culminou no processo de Independência do Brasil.

A EDUCADORA

Vemos nos relatos que, a bordo do HMS *Doris*, Maria Graham colocou em prática sua bagagem letrada de viajante com seus alunos aspirantes a oficialidade naval britânica. As principais lições ensinadas a bordo identificadas foram geografia, astronomia, literatura, história, botânica e aritmética. Tais lições são complementares aos trabalhos genuinamente marinhaes, com a “arte das navegações a vela”.

Chegando ao Brasil, Maria Graham tece diversas observações da viajante da natureza, comércio, arquitetura, espaços públicos e privados, vestimentas, paisagens e cotidiano. O caminhar livremente pelas ruas, os passeios, o relacionamento com a paisagem circundante, registros orais de trabalhadores livres e escravizados são parte da pedagogia de Maria Graham para com seus alunos, mostrando assim na prática a condição das viagens exploratórias que estes iriam encarar pelo “Novo Mundo”.

Com uma visão de mundo abrangente, assevero que Maria Graham põe em prática

a própria condição de viajante como instrumento de educação, colocando-a mesmo como exemplo de viajante e de condutora das relações pessoais e profissionais.

A atração pelo “outro” também faz parte da estética viajante. Através das lentes românticas em sintonia com o iluminismo roussseauiano e seu culto ao primitivismo cultural, o apelo do exótico, o espírito poético, a oralidade, a imaginação, o espírito criativo em oposição ao artificialismo, a natureza, o coração, o primitivo, todos esses aspectos estão imbricados nos relatos de Maria Graham em relação ao Brasil colonial.

A condição de deslocamento espacial obriga o viajante ao encontro do “desconhecido”, ao choque cultural entre costumes distintos e às observações e catalogações do mundo natural, bem como suas potencialidades econômicas atinentes aos interesses colonialistas britânicos.

Conjugado a interesses ligados a expansão colonial e mapeamento dos territórios, as missões navais do período possuíam caráter de “viagens exploratórias”. As viagens marítimas de cunho exploratório carregavam também o adjetivo de “científicas” desde finais do século XVIII e início do século XIX. No contexto da organização das expedições navais de circum-navegações voltadas para a exploração e mapeamento cartográfico, exploração e descoberta de novos territórios,

... as instruções orientavam a observação sistemática, a coleta cuidadosa e o tratamento de todas as informações, animais, plantas e minerais ao longo do percurso, bem como a organização e o estudo material depois de sua incorporação às coleções de museus, arquivos, bibliotecas e jardins botânicos da Europa (TURAZZI, 2020, p.35-36).

Desse modo, tais expedições marítimas tinham que ser conduzidas por co-

mandantes navais “que tinham sob suas ordens oficiais, cartógrafos, desenhistas e cientistas de diversas áreas (naturalistas, astrônomos, botânicos, geógrafos e outros)” (TURAZZI, 2020, p.35). A fim de obter informações pormenorizadas dos continentes e portos visitados nas possessões ultramarinas, era de suma importância para a política imperialista um relatório qualificado das viagens exploratórias, exigindo assim que a formação dos futuros oficiais comandantes fosse a mais polivalente e cosmopolita possível.

A sistematização do conhecimento obtido pelas viagens foi transformada em relatórios e livros publicados ao público (desenhos, mapas, diários, relatórios etc.). A literatura de viagem, nesse sentido, foi um gênero bastante difundido no século XIX.

Tomando emprestada a análise que Cielo Griselda Festino (2006) empreende a partir da leitura de Mary Louise Pratt e o conceito de “Olhos do Império”⁵, os diários de viagens tinha dois propósitos iniciais: “o primeiro era introduzir novos territórios ao já conhecido... o segundo, consolidar a identidade britânica, através da sua comparação com outras culturas consideradas, por eles, como primitivas” (FESTINO, 2006, p.10).

Partindo do primeiro propósito, analiso aqui o fato de que, a partir dos relatos e das excursões pelo território brasílico, os novos territórios eram, além de registrados e cartografados, tidos como “laboratórios educacionais” para a formação de oficiais da Marinha Britânica, treinando seus olhares acerca dos aspectos culturais e naturais.

Esse olhar de viajante de Maria Graham insere-se dentro da ascensão do olhar iluminista pelo e a partir do mundo natural. Destaco aqui a junção do olhar iluminista, herdeiro das ideias de igualdade de direitos, educação civilizatória e livre comér-

cio entre as nações independentes, com a perspectiva naturalista, ou seja, a metodologia de classificação taxonômica lineana direcionada ao mundo natural.

Destaco também, na esteira pedagógica analítica de Maria Graham, a partir dos relatos de viagem no Brasil, que além das conhecidas lições ministradas a bordo da HMS *Doris*, a viajante foi além de uma educação formal, utilizando sua experiência de viajante como metodologia pedagógica e instruindo seus jovens alunos na metodologia de pesquisa dos viajantes científicas do século XIX.

A “ESCOLA FLUTUANTE”

Um navio é, sobretudo, um espaço flutuante que, para existir, primeiramente, a ciência precisa se impor à vontade humana. A bordo da HMS *Doris*, Maria Graham realizou as atividades de professora essencialmente com base em um currículo especificamente voltado para o conhecimento científico que formasse os futuros oficiais para as navegações em alto-mar.

Era comum as embarcações, em viagens a serviço, também servirem como “viagens de instrução” para novatos e aspirantes a oficiais que estavam iniciando a carreira naval. Tais viagens asseguravam o treinamento marinho adequado e a instrução a bordo necessária à profissão naval.

As viagens de instrução incluíam em seus roteiros escalas em portos espalhados pelos cinco continentes, propiciando contato com a cultura e o território dos povos visitados. Posteriormente, conforme César (2013), as tais viagens de instrução dariam origem aos navios-escola das Marinhas de Guerra, preservando-as como tradição naval e proporcionando aprimoramento histórico-cultural e formação humanística aos integrantes de suas tripulações.

As viagens marítimas assim constituem-se genuinamente numa “missão pedagógica”, preparando os jovens aspirantes a oficiais da Marinha para além das fronteiras continentais, instruindo-os para o conhecimento das relações marítimas e a conquista de territórios além-mar.

Provenientes das classes mais abastadas da sociedade britânica, os jovens adquiriam o conhecimento a bordo de um navio mediante embarque: “Tais navios eram onde esses jovens seriam formados nas lides marinheiras, como líderes militares nos combates, reunindo conhecimentos sobre a arte da navegação (matemática e astronomia), a guerra no mar (a tática naval e a manobra dos navios a vela, algo bastante complexo) e o manejo de armas” (CABRAL, 2021, p.131). Segundo o historiador naval Francisco Eduardo Alves de Almeida (2011), a vida a bordo para aqueles jovens guardas-marinha era realmente dura:

Normalmente o jovem midshipman recebia aulas formais a bordo de navegação, astronomia, trigonometria, além de artilharia por um mestre-escola devidamente contratado para isso. A disciplina era rígida e era exigido o cumprimento de diversas tarefas a bordo e qualquer deslize era reportado ao comandante para as punições regulamentares, inclusive chibatadas, se fosse o caso. Quando não existia um mestre-escola o próprio comandante do navio ministrava as aulas. (ALVES DE ALMEIDA, 2011, p.9).

A experiência de uma viagem marítima oferecia aos jovens guardas-marinha que embarcavam os conhecimentos teóricos e práticos imprescindíveis à navegação oceânica, bem como instrução para atividades científicas e observação geográfica. Nesse ínterim, o objetivo era formar futuros oficiais, iniciando-os nas rotinas de bordo.

Conforme a própria Maria Graham:

Nossa escola para os rapazes de bordo está agora bem organizada... a dos guardas-marinha vai muito bem; funciona na cabine de frente, às vistas do comandante. A presença deste é não somente uma ameaça à vadiação e ao barulho, mas um incentivo ao esforço. Ele está muito ansioso para torná-los aptos a serem oficiais e homens do mar capazes e bons cavalheiros, tanto no mar como em terra... o trabalho regular, do navio, a escola, as observações astronômicas, o estudo de história, das línguas modernas, e a atenção em observar tudo o que se passa, enchem completamente o nosso tempo (GRAHAM, 2021, p.106).

Para ser um oficial da Marinha Britânica os jovens tinham que aprender as lides marinheiras complementado com uma erudita educação que os formasse como parte de uma “nobreza naval”, adquirido uma educação enciclopédica e humanística, dominando várias áreas do conhecimento.

Maria Graham menciona em seus relatos as disciplinas que eram lecionadas a bordo, divididas em aulas teóricas e práticas, que corroboram a ideia do navio como uma “escola flutuante”:

Os livros que desejamos que sejam lidos por nossos rapazes são: história, particularmente da Grécia, Roma, Inglaterra e França; um esboço da história geral, viagens e descobertas; alguma poesia; e literatura geral em francês e inglês; Delolme, com o capítulo final de Blackstone sobre a história da lei e da constituição da Inglaterra; depois o primeiro volume de Blackstone, os Ensaios de Bacon, e Paley. Temos somente três anos para trabalhar e como a tarefa da vida deles é aprender a profissão, incluindo matemática, álgebra, astronomia náutica, teoria e prática de navegação, e deveres dos oficiais, com todos

os aperfeiçoamentos técnicos a ela ligados, isto é tudo que ousamos propor (GRAHAM, 2021, p.107).

A educação das viagens e expedições navais, bem como a difusão do gosto pelas grandes navegações, passava também pelas árduas experiências das severas condições de bordo nos navios a vela.

A longa ausência de casa, os quartos de serviço⁶, a alimentação precária e as péssimas condições sanitárias (superlotação, umidade e falta de ar dentro do navio), os acidentes de trabalho, as tempestades, a disciplina severa, as punições corporais, e as temíveis doenças como o escorbuto e o beribéri eram condições que levavam muitos marujos aos limites da exaustão física e mental.

Vivendo na embarcação e fazendo parte da tripulação, vivenciando todos os perigos em alto-mar, mesmo assim, Maria Graham também aprendia com seus alunos: “À noite, sentei-me por longo tempo no tombadilho, ouvindo as canções marítimas com as quais a tripulação se distrai durante a vigilância da noite” (GRAHAM, 2021, p.96). A viajante chegou a presenciar o famoso rito de passagem da linha do Equador, fato que os transformava a em verdadeiros “homens do mar”.

E para marcar importante evento, era planejado o tão esperado “festival dos homens do mar pela passagem da linha”:

Já começamos a planejar o festival dos homens do mar pela passagem da linha. Não sei de onde deriva o costume, mas os árabes o observam com cerimônias não muito diferentes das usadas pelos nossos marinheiros. Hoje uma carta, com um esquema do festival projetada foi mandada ao comando. Vou copiá-la, bem como a resposta. Venho a saber que alguns capitães preferem distribuir dinheiro no próximo porto a permitir este dia de desordem.

Talvez tenham razão, e talvez com o tempo o costume fique esquecido; mas será melhor assim? É a única festa do marinheiro. Gosto deste festival; põe o coração à larga para a gente se divertir. A monotonia de ver sempre uma classe que detém a inteligência; outra que entra com os braços, a trabalhar todos os dias em direções, senão opostas, ao menos diversas, é quebrada. Numa festa todos os corações batem do mesmo modo (GRAHAM, 2021, p.107).

Maria Graham toma partido daquela gente marinheira que festeja, observando a cena montada pelos marinheiros formada pela corte do “pai aquoso” Netuno e seus filhos, ao lado de Anfitrite, num carro puxado por cavalos-marinhos:

Depois de andar em volta do tombadilho, de uma conferência com o capitão e de uma libação sob a forma de um cálice aguardente, no qual o deus e a deusa rivalizavam em devoção, a brincadeira começou. Era preciso fazer a barba de brincadeira ou pagar uma taxa para que os candidatos fossem admitidos às boas graças do pai aquoso; e enquanto ele fiscalizava o negócio, todo o resto das pessoas do navio, oficiais ou não, começou a batizar-se mutuamente e sem piedade. Nenhum a não ser as mulheres, escapou e, estas mesmas, por se refugiarem na minha cabine. O oficial de quarto, as sentinelas, os quartéis-mestres e os que eram absolutamente necessários para vigiar o navio, são naturalmente considerados sagrados, de modo que alguma ordem se conserva. Parecia realmente que a loucura dominava, mas, no momento marcado, onze e meia, tudo cessou, ao meio dia todo mundo estava a postos, os tombadilhos secos e o navio restituído à boa ordem do costume. Todos os oficiais de carreira jantaram conosco e envaideceram-nos de ter terminado o dia tão alegremente como o havíamos começado. (GRAHAM, 2021, p.110-111).

A viajante torna-se assim pertencente àquela comunidade de homens do mar, criando assim uma relação de proximidade e pertencimento fundamental para a sua prática como professora. Tal relação de confiança é essencial para atingir os objetivos de sua docência: formar jovens guardas-marinha na metodologia de observação, mapeamento, coleta e exploração com bases científicas o território brasileiro.

AS EXCURSÕES

A partir da leitura de seu diário, percebe-se que Maria Graham fora uma entusiasta da metodologia científica de pesquisa dos viajantes naturalistas de sua época, como já demonstrei mais acima. Aqui cabe uma nova reflexão.

O campo da ciência denominado história natural, dominado pelos viajantes naturalistas em busca de descobertas científicas, fora fruto da cultura europeia oitocentista cuja metodologia de catalogação e sistematização do mundo biofísico buscava organizar os objetos coletados e catalogados oriundos das viagens científicas pelos territórios mapeados nas colônias e visibilizá-los ao público letrado através dos gabinetes, museus, herbários, jardins e livros.

A História Natural ramifica-se em várias outras disciplinas, como a fisiologia, a anatomia comparada, a paleontologia, a botânica, a antropogeografia, taxionomia, geologia, dentre outras. No decurso de sua viagem ao Brasil, a viajante inglesa aplica várias dessas práticas, demonstrando uma profícua viajante naturalista.

Durante as excursões com os guardas-marinha, Maria Graham carregava um caderno de desenho e aquarelas, mostrando assim sua metodologia de trabalho muito semelhante ao de uma naturalista, coletando e desenhando várias espécies da flora brasileira. Produziu também diver-

sas imagens de paisagens, arquitetura e tipos sociais do cotidiano urbano e rural do Brasil da primeira metade do século XIX.

A caminho do Brasil, Maria Graham, desembarcando na Ilha de Funchal, inicia os guardas-marinha na prática das andanças em terra, realizando as primeiras observações da natureza e paisagem:

Logo cedo na manhã de 19 [de agosto de 1821], levamos uma boa parte dos guardas-marinhas a terra para gozar os primeiros prazeres de andar em país estranho. Para eles era novidade ver a palmeira, o cipreste, a yucca, juntamente com o milho, a banana, a cana-de-açúcar, cercados de parreiras, enquanto os pinheiros e castanheiras cobriam os montes. Fizemos com que os rapazes cavalgassem em mulas e dirigimo-nos à pequena matriz, me geral tomada como convento, chamada de Nossa Senhora do Monte. (GRAHAM, 2021, p.93).

Através da leitura acima, percebe-se uma maneira de viajar tendo como metodologia a “natureza como um livro aberto”, revelando-nos assim uma influência da “ciência humboldtiana” de observação.

A visão do mundo natural enquadrada pela vontade científica foi popularizada na Europa, em início do século XIX, pelo viajante naturalista prussiano Alexander von Humboldt (1769-1859). Introduzindo uma metodologia do viajante associado às descobertas e explorações geográficas, Humboldt virou referência e paradigma de viagens exploratórias pelo mundo. Suas viagens pela América do Sul⁷ tornaram-se paradigmáticas no universo letrado e científico europeu, influenciando vários outros viajantes.

A expedição de mapeamento da costa sul-americana em 1839 realizada pelo HMS *Beagle*, a título de exemplo, comandada pelo Capitão Robert FitzRoy (1805-1865), o

qual teve a bordo o jovem botânico e naturalista Charles Darwin (1809-1882), fez uso sistemático da literatura de viagem de Humboldt. Segundo Turazzi (2020, p.146), em viagens de exploração e descobertas,

Uma boa biblioteca podia ser tão importante quanto os víveres e os medicamentos, as cartas náuticas e os instrumentos de navegação. Viajantes da época referem-se à leitura como atividade essencial para a vida a bordo, assim como as missões que desempenharam. Darwin, por exemplo, dizendo-se espremido entre os livros ao dormir no *Beagle*, dedicou parte substancial de suas leituras às obras de Humboldt que integravam a biblioteca de qualquer viagem do gênero.

A fauna e flora observadas por Darwin, na segunda viagem exploratória do HMS *Beagle* pela América do Sul, deu origem, em 1859, ao livro *Origem das Espécies* e tese científica da “seleção natural.” Desse modo, caminhavam juntos as expedições navais, a “ciência das descobertas” e a expansão colonial britânica, legitimando-se mutuamente (PASSETI, 2006, p.917).

Inserida e educada nessa cultura, e influenciada pelo *ethos* cientificista da História Natural, Maria Graham traz o ofício dos naturalistas para dentro da pedagogia da Marinha Britânica, formando futuros oficiais de Marinha para o domínio não apenas da navegação, mas o controle territorial e seus recursos naturais além-mar.

A ideia é formar também jovens oficiais de Marinha dentro da metodologia “naturalista”, enveredando as expedições para as grandes descobertas e coletas biogeográficas. A experiência das viagens, das descobertas científicas e dos aperfeiçoamentos tecnológicos náuticos caminhava assim *pari passu* com o avanço da civilização europeia, sendo a literatura de viagem largamente publicada, e servindo como relatórios de mapeamento dos territórios.

As medições e observações sempre fizeram parte do cotidiano das viagens marítimas, o que denota a inclinação dos homens do mar a prospecções também em terra. As minuciosas descrições em diários de bordo acerca das observações do céu e mar são ensinadas aos alunos a bordo como vemos no relato abaixo:

O céu e o mar precisam ser observados para podermos saber as leis que regulam suas grandes mudanças ou acidentes... daí acontece que as mais corriqueiras minúcias dos primeiros navegadores, o nascer e o pôr do sol, as razões diárias de comida e de água, são lidas com mais profundo interesse que a mais viva viagem por países civilizados e cidades populosas (GRAHAM, 2021, p.106).

A aproximação da HMS *Doris* da costa do Brasil se dá em 21 de setembro de 1821, nas proximidades de Olinda, na província de Pernambuco. Sempre atenta às singularidades da viagem, Maria Graham relata, na chegada ao porto, “os pequenos e curiosos barcos, canoas, catamarans e jangadas, que navegam, remam e voam em torno do navio” (GRAHAM, 2021, p.114). É interessante a descrição das manobras de entrada no porto de Recife, passando pela barreira natural dos corais:

Do navio, ancorado a três milhas da cidade, vemos os navios ancorados além do recife contra o qual o mar se quebra continuamente; mas até penetrar dentro deste recife, não tinha a menor ideia da natureza do fundeadoiro. A corrente que tocava a praia parecia tremenda se não estivéssemos prevenidos e não tivéssemos feito demoradamente nosso percurso de três milhas. Aproximamo-nos da praia arenosa entre Olinda e Recife tão de perto que pensei que íamos desembarcar ali... (GRAHAM, 2021, p.116).

Manobras de atracação em portos são

parte importante da aprendizagem dos guardas-marinha. Maria Graham aproveitou então para analisar a formação natural dos recifes de corais na costa pernambucana. A metodologia aqui reside em não apenas identificar os recifes de corais, mas compreendê-los!

Em terra, a “escola flutuante” se depara com um mundo novo, uma nova natureza pronta a ser explorada, uma nova paisagem pronta para ser registrada. Mas nem tudo reluzia aos olhos civilizados dos ingleses. Um degradante costume incomodava deveras o humanitarismo inglês: o uso massivo de trabalho africano no Brasil. É interessante destacar que pela primeira vez, os jovens guardas-marinha e Maria Graham se deparam com um mercado de escravos:

Era a primeira vez que tanto os rapazes quanto eu estávamos num país de escravidão, e por mais que os sentimentos sejam penosos e fortes quanto em nossa terra imaginamos a servidão, não é nada em comparação com a visão tremenda de um mercado de escravos... o espetáculo nos fez voltar ao navio com o coração pesado e com a resolução “não ruidosa, mas profunda” de que tudo o que pudéssemos fazer no sentido da abolição ou da atenuação da escravatura seria considerado pouco (GRAHAM, 2021, p.119-120).

Os viajantes se viram perturbados e indignados com a visão de seres humanos sendo vendidos como mercadorias, a olhos vistos, em praça pública. A escravidão era vista pela Inglaterra como o maior símbolo do atraso das sociedades americanas, e também um empecilho para a ideia de civilização. A escravidão era vista pelos ingleses, de modo geral, como um “duplo atraso”:

A primeira era causada não pela presença física dos negros, mas pela

manutenção de sua cultura original, caracterizada por agressividade, religiosidade equivocada e sensualidade. A segunda era decorrência da primeira: a dura exploração dos escravos afastou os brasileiros do espírito do trabalho, transformando-os em indolentes, violentos, empobrecidos e embrutecidos (PASSETI, 2014, p.926).

A missão civilizadora propagada pelo Império Britânico, pautada em seu humanitarismo igualitário, moral cristã, trabalho assalariado e livre mercado, colocava Maria Graham e seus viajantes no centro da querela do Império Britânico contra o tráfico de escravos africanos⁸.

O autor acima disserta acerca dos princípios civilizatórios do “imperial humanitarismo” britânico, que “...defendiam o tratamento ‘correto’ aos nativos, sua conversão ao cristianismo e ao mundo ocidental do trabalho mediante convívio, aprendizado e modelo de imigrantes trabalhadores e ordeiros (PASSETI, 2021, p.927).

Sob esses mesmos princípios estavam imbuídos os viajantes da HMS *Doris*. Para Maria Graham o tráfico de escravizados africanos para as colônias brasileiras representava o atraso civilizatório, o Império Britânico não mediria esforços para combater tal prática, legitimando assim a própria presença inglesa no continente americano.

As condições degradantes das relações de trabalho oriundas de uma sociedade escravista, levando ao mau usufruto dos recursos naturais e humanos, acabavam por legitimar “uma intervenção comercial inglesa de maiores proporções na América do Sul” (FESTINO, 2006, p.18). Desse modo, Maria Graham acaba por representar a junção entre a Marinha Britânica, a expansão colonial e os saberes que formarão os sujeitos da exploração territorial e marítima.

É nessa sociedade escravocrata que Maria Graham se debruçará em análises, muito semelhantes, por vezes, as descrições etnográficas. Exemplo disso é a descrição de Maria Graham acerca dos sertanejos da província de Pernambuco, como uma “casta de homens rudes e ativos, na maior parte agricultores” (GRAHAM, 2021, p.120).

Em Pernambuco, a tripulação da *Doris* foi tratada cordialmente tanto pelos portugueses como pelos patriotas brasileiros. Aos olhos da viajante, o desmembramento do território da antiga América Portuguesa em vários países parecia inevitável caso não houvesse uma tomada de posição mais centralizadora vinda da corte no Rio de Janeiro.

Os brasileiros das colônias estavam em crescente conflito com os portugueses. Tendo sido abolido o Pacto Colonial com a metrópole portuguesa devido à Abertura dos Portos às Nações Amigas a partir de 1808, as províncias da colônia lusitana na América vinham experimentando ares de autonomia política, tendo o Rio de Janeiro sido transformado em capital do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarve.

Em 1820, irrompe uma rebelião na cidade portuguesa do Porto, sendo promulgada uma constituição liberal e convocadas as Cortes para exercer o poder supremo do Reino Unido do Brasil, Portugal e Algarve. As Cortes representavam o poder reacionário e hostil à pretensa autonomia brasileira, retirando as províncias e suas juntas governamentais da esfera de autoridade do Rio de Janeiro e sujeitando-as novamente a Lisboa, fazendo retornar assim o defenestrado Pacto Colonial.

O Príncipe Regente no Brasil, D. Pedro, desobedeceu a ordem das Cortes para regressar a Portugal, decidindo ficar no Brasil, dando início aos acontecimentos que levaram à Independência política do Brasil em relação a Portugal.

Os viajantes estabeleceram contato com ambos os grupos políticos, recebendo convites para diversas ocasiões sociais: “Hoje diversos oficiais e guardas-marinha da *Doris* acompanharam-nos a jantar em casa do governador às quatro e meia da tarde (GRAHAM, 2021, p.129)”. Nessas ocasiões, é interessante ressaltar o comportamento social dos oficiais e guardas-marinha como representantes do progresso civilizatório, em contraponto à sociedade latifundiária, agrária e escravocrata brasileira.

Em outra ocasião social, convidados para um jantar com os “patriotas”, os costumes privados de uma típica casa brasileira são observados a partir da degustação de um típico prato brasileiro, um pirão de farinha de mandioca com iscas de peixe:

Em volta dos dois pratos principais havia outros da mais saborosa natureza: enguias fritas com ervas aromáticas, mariscos preparados com vinho e pimenta e outros da mesma espécie. Dentro desses também cada homem punha sua mão indiscriminadamente, e metendo um bocado no prato fundo, ensinaram aos nossos oficiais como comer este substituto do pão de trigo e engolir sem preocupação de ordem de limpeza (GRAHAM, 2021, p.140).

Os viajantes, antes de deixarem a província de Pernambuco, ainda provaram mais do alimento de gente pobre e escrava (GRAHAM, 2021, p.144), como carne de charque banhada em sopa de mandioca, leite de coco, frutos do mar, frutas tropicais etc. Enquanto caminhavam pelas praias, colhendo flores, reunindo plantas, praticando caça, na companhia de contrarâneos e moradores locais, sempre o olhar de viajante atento, exercício contínuo e ininterrupto. Tudo devia ser anotado:

O Sr. Dance, o Sr. Glennie e eu fomos indicados para tomar conta de um grande grupo de guardas-ma-

rinha, que ainda não puderam dar uma volta na praia. Vamos passar o dia na Ilha dos Coqueiros, que fica a boa distância pelo porto adentro, no interior do recife de Pernambuco. Enquanto navegávamos ao longo da rocha, observamos que ela é coberta de ouriços, pólipos, bernaclas, patelas e revestida de conchas bivalves menores do que as ostras e bribições... entrementes os rapazes e eu tivemos bastante vagar para examinar a ilha (GRAHAM, 2021, p.141).

Em 14 de outubro de 1821, a HMS *Doris* levantou âncora em direção à Bahia, chegando em Salvador em 16 de outubro. A entrada da baía é descrita com grande esmero por Maria Graham. Desembarcando pelo cais do Arsenal de Marinha, a tripulação espalhou-se pelas ruas da cidade de Salvador, aproveitando para desfrutar o teatro e visitar a Ilha de Itaparica, rica em engenhos de açúcar.

A província da Bahia estava um verdadeiro “barril de pólvora”: “As discussões entre os portugueses da Europa e os brasileiros da cidade parecem estar a pique de chegar a uma crise” (GRAHAM, 2021, p.167). Em breve, a Bahia seria palco das principais batalhas pela independência do Brasil.

Saindo da Bahia em direção ao Rio de Janeiro, em 9 de dezembro de 1821, os estudos hidrográficos são retomados, em observações e sondagens na altura dos rochedos de Abrolhos: “Labutamos a noite inteira a fim de nos podermos assegurar da exata posição desses perigosos escolhos, que à distância de três léguas, em direção NO para O, assemelhavam a uma ilha...” (GRAHAM, 2021, p.175).

Ciência essencial para a formação de um oficial de Marinha, a hidrografia praticada no século XIX era uma importante ciência que servia para a segurança das viagens marítimas e mapeamento das

rotas de navegação, utilizando o conhecimento aprendido nas aulas de instrumentos náuticos e observação astronômica. Estudando a expedição do Navio *Oriental-Hydrographe*, que conduzia uma viagem de instrução de aprendizes da Marinha Mercante em 1839, Turazzi (2020, p.30) destaca que as cartas hidrográficas eram o produto principal dos levantamentos topográficos marítimos, que, além da sistematização da representação do litoral, “traziam a medição da profundidade das águas, as correntes marítimas e a frequência das marés, as declividades do solo, a descrição das rochas e outros elementos físicos dos oceanos, mares, lagos e rios, bem como as suas mudanças ao longo do tempo”.

Chegando à Baía de Guanabara, no Rio de Janeiro, em 27 de dezembro de 1821, após a contemplação e admiração da entrada da baía, circundada pela cadeia de montanhas, Maria Graham e os guardas-marinha iniciam as excursões pelas ruas e vielas do Rio de Janeiro, centro político das forças militares em prol da “causa brasileira”, encabeçada por D. Pedro, sua esposa Dona Leopoldina e por intelectuais ilustrados como José Bonifácio de Andrada e Silva.

Contemplando a vizinhança, as deslumbrantes paisagens montanhosas, as planícies lacustres, os diversos mirantes que se descortinavam, o roteiro incluía também conversações com os habitantes locais. As cenas cotidianas são descritas com bastante admiração e não menos surpresa, mostrando-nos uma sociedade multicultural:

Desde a excursão ao Jardim Botânico, alguns de nossos doentes começaram a melhorar; outros, que estavam bem, adoeceram. Eu não fiz senão passear a cavalo e conversar com eles, contemplar as belas vistas

da vizinhança e conhecer os habitantes, dos quais, os mais divertidos, tanto quanto pude ver até agora, são certamente os negros que transportam as frutas e verduras para vender. Os guardas-marinha fizeram amizade com alguns. Um deles tornou-se até amigo da casa, e depois de vender as frutas de seu senhor, ganha uma pequena gratificação para ele próprio, pelos seus contos, suas danças e suas cantigas. Sua tribo, ao que parece, estava em guerra com um rei vizinho. Ele partiu para a luta ainda menino, foi feito prisioneiro e vendido. Esta é provavelmente a história de muitos, mas o nosso amigo a conta com movimento e ênfase, mostra as feridas, dança sua dança de guerra, grita sua canção bárbara, de modo que, de escravo selvagem, transforma-se em objeto de tocante interesse (GRAHAM, 2021, p.195).

Maria Graham e os guardas-marinha se deparam com uma cultura totalmente diferente da qual estão habituados. Festas, danças, ritos, cantigas, culinária, costumes, e, principalmente, histórias orais que instigam os viajantes, revelam os diversos modos de vivência e sociabilidades nos trópicos.

Os passeios pelo Rio de Janeiro são constantes, seja a pé ou a cavalo. Em um dos passeios, os viajantes se deparam com outros “estrangeiros” vivendo no Rio de Janeiro:

Uma manhã da semana passada, andando a cavalo com dois de nossos guardas-marinha, chegamos a uma agradável casa de campo de aspecto simpático, no alto da encosta do Corcovado; e à porta vimos uma figura muito impressionante, à qual imediatamente pedi desculpas por invadir seus terrenos, dizendo que éramos estrangeiros, e que havíamos chegado ali por acaso (GRAHAM, 2021, p.200).

Os viajantes se depararam acima com a casa de campo na Floresta da Tijuca do

Conde Hogendorp, um dos generais exilados de Napoleão Bonaparte, que tinha ali uma fazenda de café. Percebe-se que Maria Graham utiliza-se aqui da condição de “estrangeiros”, denotando assim uma classe social bastante comum consolidada no Rio de Janeiro.

Atraídos pela pitoresca cadeia de montanhas da Serra dos Órgãos, do outro lado da entrada da Baía de Guanabara, viagem consideravelmente longa para aquela época, e contando com os serviços de outro “estrangeiro”, os viajantes acabam por visitar uma fazenda de engenho:

Quando estávamos olhando a baía, apareceu um barco maior: aproximou-se da costa e nosso hospedeiro, Sr. Lewis P, que administra a fazenda, desembarcou e recebeu benevolmente nossas desculpas por virmos sem aviso prévio... conduziu-nos ele ao jardim, onde ficamos até que o jantar ficou pronto. Os guardas-marinha nunca haviam encontrado tantas laranjas e fizeram-lhes ampla justiça. As frutas e verduras da Europa e América, das zonas temperadas e tórridas, encontram-se aqui (GRAHAM, 2021, p.227).

Os passeios pelo campo traziam oportunidades de observações *in loco* da natureza, exercendo a prática da coleta de espécimes da fauna e flora local para posteriores estudos em museus na Europa, prática comum dessas viagens:

Voltei contudo bem satisfeita de meu passeio, e encontrei meus jovens esportistas não menos satisfeitos com a excursão da manhã; não que tivessem matado narcejas, como pretendiam, mas tinham caçado um enorme lagarto (*Lacerta Marmorata*), de uma espécie que não haviam visto até então. Tinham encontrado o grande caranguejo de terra (*Ruricola*) e havia trazido uma ave de contramestre, espécie de pelicano

(*Pelicanus Leucocephalus*), que pretendiam empalhar... eu fiz o esboço de uma bela paisagem (GRAHAM, 2021, p.228).

Finalizando a análise das excursões, vale a pena destacar mais uma vez as impressões de uma viajante sobre a lide do trabalho sob o regime escravista. Comentando sobre as condições da lavoura, o estado da indústria, a escravidão de africanos, a viajante assevera a inevitável degradação humana, emoldurada pelo esplendor da natureza:

Cada volta em nosso passeio revelava um novo e variado panorama à nossa vista: ao pé, o canavial luxuriante, adiante as laranjeiras amadurecendo e as palmeiras; em torno e espalhados pela planície arejada pelos ventos de Guaxindiba [Guaxindiba], os limoeiros, as goiabeiras e um milheiro de esplêndidos e odorosos arbustos alindavam o caminho. Mas tudo é novo aqui. As linhas extensas das casas de fazenda, que aqui e ali ressaltam da solidão da natureza, não sugerem nenhuma associação com qualquer ideia de melhoria, tanto no passado como no presente, nas artes que civilizam ou que enobrecem o homem. As mais rudes manufaturas, mantidas por escravos africanos, metade dos quais importados recentemente (isto é, ainda sofrendo com a ausência de tudo que dá valor à casa, mesmo de um selvagem), são os únicos sinais de aproximação do progresso. E, ainda que a natureza seja ao menos tão bela como na Índia ou na Itália, a falta de qualquer relação com o homem, como ser intelectual e moral, retira-lhe metade do encanto (GRAHAM, 2021, p.228).

A solidão da natureza serve aqui de moldura para a degradação moral que se abre diante dos olhares estrangeiros. A existência de grupos humanos agrilhoados não sugere qualquer ideia otimista de progresso. Assim são as condições de pobreza e de miséria numa sociedade escravocrata.

Ninguém sairia ileso diante de uma cena real de seres humanos escravizados. É tudo novo ali, ressalta a viajante, diferente de tudo que já viu e a qual está acostumada. Aqui se chega aos limites do aprendizado da viagem, onde o humanitarismo e a empatia unem-se com a vontade e o desejo de uma “missão redentora” em terras distantes. O padrão a ser seguido e disseminado pelo mundo é a civilização europeia.

A APRENDIZAGEM

A experiência de Maria Graham como professora de guardas-marinha no Brasil nos ajuda a compreender como a viajante empreendeu uma pedagogia com base na metodologia das viagens naturalistas, que prioriza o deslocamento, o estranhamento e as observações biogeográficas em território estrangeiro como parte da formação humanitarista.

Após a primeira estadia no Brasil, a viagem prossegue rumo ao Chile, saindo do Rio de Janeiro em 10 de março de 1822, e chegando à costa chilena em 10 de abril do mesmo ano. A travessia até lá não foi fácil para Maria Graham e os tripulantes da HMS *Doris*. O comandante Thomas Graham veio a falecer na chegada da costa chilena, depois de severa travessia do Cabo Horn, já na Patagônia chilena.

Chegando ao Chile, “só, e viúva, com um hemisfério entre mim e meus parentes (GRAHAM, 2021, p.241)”, Maria Graham finaliza sua experiência como professora de guardas-marinha da HMS *Doris*, começando assim sua jornada pelo Chile.

Mesmo sozinha, Maria Graham prossegue atuando junto à comunidade britânica e aos interesses comerciais ingleses durante as revoluções na América do Sul, escrevendo em seu Diário suas impressões e anotações sobre o país chileno.

As razões que levaram Maria Graham a permanecer no Chile fogem ao escopo do presente trabalho. Maria Graham retornará ao Rio de Janeiro em 1823, encontrando-o em guerra contra os remanescentes contingentes portugueses e aliados locais.

Nesse conturbado cenário político, Maria Graham continuará narrando suas experiências pelo Brasil. Incansável viajante e bem articulada socialmente, Maria Graham pôde aperfeiçoar seus conhecimentos sobre o Brasil morando no Rio de Janeiro.

A viajante chega a oferecer seus serviços à Família Imperial, sendo contratada como professora da princesa Maria da

Glória. Após deixar o cargo de professora, Maria Graham retorna definitivamente para a Inglaterra em 1824, onde organiza seus escritos.

Os processos de Independência, a abertura dos portos, a imigração estrangeira e a assimilação dos povos originários aos padrões civilizatórios, o fim da escravidão e a nova ordem social do trabalho livre, a delimitação das fronteiras nacionais e a expansão da Revolução Industrial fizeram da América do Sul um campo estratégico para a aprendizagem das viagens a serviço dos impérios e conquistas territoriais além-mar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES DE ALMEIDA, Francisco Eduardo. Jovens Nelsons: a formação da oficialidade naval britânica no século XVIII. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*, São Paulo, jun/2011.

CABRAL, Ricardo Pereira. A ficção militar-naval britânica e a Série “Mestre dos Mares”. *Revista Marítima Brasileira*, Rio de Janeiro, 2021.

CESAR, William Carmo. Os museus navais e as viagens de instrução de guardas-marinha. *Revista de Villegagnon*, Rio de Janeiro, 2013.

FESTINO, Cielo Griselda. Maria Graham no Chile. O olho do império. *Cuadernos Interculturales*, Viña del Mar, Chile, año/vol. 4, número 007, 2006.

GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Garnier, 2ª ed., 2021.

PASSETTI, Gabriel. O Brasil no relato de viagens do comandante Robert FitzRoy do HMS Beagle, 1828-1839. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.21, n.3, jul.-set. 2014, p.911- 930.

TURAZZI, Maria Inez. *O Oriental-Hydrographe e a Fotografia: a primeira expedição ao redor do mundo com uma “arte ao alcance de todos” (1839-1840)*. Montevideu: Centro de Fotografia de Montevideo (CdF), 2019.

NOTAS

¹ Referente à viagem à Índia entre 1809 a 1811, Maria Graham publicou no *Journal of a Residence in India*. Referente à Itália, Maria Graham publicou “Memoirs of the life of Nicholas Poussin e three months passed in the mountains East of Rome, during the year 1819”.

² “Her/His Majesty’s Ship”, traduzindo para o português, “Navio de Sua Majestade”, assim são chamados os navios da Royal Navy (Marinha Real Britânica). O Navio em específico também é classificado como uma Fragata, um tipo de navio de guerra.

³ Tradução do inglês *midshipmen*, é o início da carreira de um oficial de Marinha britânico. Eram jovens entre 11 e 17 anos, embarcados como aspirantes a oficial da Marinha Real e futuros comandantes navais. Ao atingir a idade de 19 anos de idade os *midshipmen* podiam se candidatar ao exame para tenente, conjuntamente com um certificado emitido pelos comandantes de que os candidatos possuíam “tempo de mar”.

⁴ A edição que foi utilizada no presente trabalho foi a: GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Garnier, 2ª ed., 2021.

⁵ Conceito este abordado no livro PRATT, Mary Louise. *Imperial eyes: travel writing and transculturation*. London & New York: Routledge, 1992.

⁶ A tripulação dos navios a vela estava sempre atenta e vigilante, principalmente a incêndios e temporais, nunca prescindindo de postos de combate. Daí, os quartos de serviço eram divididos a cada quatro horas, perfazendo 24 horas completas. A cada quarto de serviço trocava-se a guarnição.

⁷ Ficou célebre o livro de Alexander von Humboldt, *Viagens às regiões equinociais do novo continente*, estabelecendo novos referenciais para exploração e olhares acerca do “Novo Mundo”.

⁸ O Brasil recebeu o maior contingente de escravizados africanos das Américas. A Lei Bill Aberdeen foi promulgada em 8 de agosto de 1845 pela Inglaterra, proibindo o tráfico marítimo de escravos africanos, apreendendo navios de qualquer nação que desobedecesse tal lei.